




O PENSAMENTO AMAZÔNICO ONTEM E HOJE: UMA ANÁLISE SOBRE A IDEIA DE AMAZÔNIA EM ÁLVARO MAIA E LEANDRO TOCANTINS

AMAZONIAN THOUGHT YESTERDAY AND TODAY: AN ANALYSIS OF THE IDEA OF THE AMAZON IN ÁLVARO MAIA AND LEANDRO TOCANTINS


Tereza de Sousa Ramos*

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

 <https://orcid.org/0009-0004-8575-1387>
tsr22t@yahoo.com.br

Paula Mirana de Sousa Ramos**

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

 <https://orcid.org/0000-0001-6040-999X>
paula-mirana.ramos@ufam.edu.br

RESUMO: O pensamento de Álvaro Maia e Leandro Tocantins representa uma importante fonte de informação para o entendimento das visões sobre Amazônia nos períodos referentes aos projetos de intervenção nacional para integração. Por meio de uma história das ideias e uma breve sociologia dos intelectuais, procurou-se revelar a Amazônia que, por muito tempo, foi vista como um “problema nacional”, mas que, nos dias atuais, passou a ser enxergada como solução, auxiliando na compreensão da atual crise ambiental, ao se evidenciar mundialmente sua importância para a conservação da vida no planeta.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; identidade; intelectuais.

ABSTRACT: The thought of Álvaro Maia and Leandro Tocantins represents a precious source of information for accessing the vision of the Amazon in the periods relating to national intervention projects for integration. Through a history of ideas and a brief sociology of intellectuals, we sought to reveal the Amazon no longer being a “national problem” and starting to be seen as a solution, helping to understand the current environmental crisis by revealing its importance worldwide for the conservation of life on the planet.

KEYWORDS: Amazon; identity; intellectuals.

* Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Pesquisadora Sênior do Laboratório de Estudos Geopolíticos da Amazônia Legal (UFAM).

** Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia na Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Amazonas.

INTRODUÇÃO

Revisitar o pensamento de Álvaro Maia e Leandro Tocantins, clássicos do pensamento social amazônico, é importante para entender o fluxo de ideias que norteavam a Amazônia no tempo em que esses intelectuais viveram e de modo seus pensamentos se projetaram, por meio da análise e da interpretação sobre a sociedade desenvolvida. É importante, também, para entender o quanto a produção intelectual desses atores contribuiu, de alguma maneira, para as tomadas de decisão e ação política na região e, por fim, para se refletir sobre os dilemas da Amazônia contemporânea e tentar encontrar explicações por meio das teorias desses intelectuais, o que é capaz de conferir a eles um status de clássicos do pensamento social amazônico.

Refletir acerca dos escritos e do pensamento de autores que compõem o campo do Pensamento Social Amazônico revela a possibilidade de resgatar narrativas históricas carregadas de representações de uma realidade social que reverbera na Amazônia dos dias de hoje. Nesse sentido, a compreensão sobre a produção e a recepção desses textos, a partir do entendimento de que a escrita, a linguagem e a leitura, são elemento indivisíveis contidos no texto e produzem uma instância intermediária entre o produtor e o receptor deve ser considerado na elaboração do conhecimento histórico (BORGES, 2010).

Na releitura dessas interpretações de Amazônia encontram-se, portanto, posições e reflexões capazes de dialogar mesmo em tempos históricos diferentes, trazendo riqueza ao debate. Segundo Chartier (1990), todo documento (literário ou não) é uma representação do real, em que o texto constrói-se pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, testemunhando, assim, sua própria historicidade de produção e intencionalidade da escrita. Sob esse aspecto, há, da mesma forma, a oportunidade de identificar a implicação política das suas ideias de Amazônia a médio e a longo prazo, pois um intelectual não escreve por escrever, há uma intencionalidade na produção e publicação de suas obras (BOURDIEU, 1996, p. 238).

Dessa forma, vê-se que a presença do pensamento regional fortalece o sentido real da existência de um pensamento nacional, reafirmando as conexões entre a nação e suas regiões culturais. O ato de reconstruir o pensamento desses autores que interpretaram a Amazônia e o Brasil é, para Marilene Freitas (2007, p. 28), o resgate da infância do pensamento nacional, já que o ato de ampliar as percepções originais desses registros e identificar uma relação de filiação no campo das Ciências Sociais dá sentido a

um processo de recuperação e de iniciação ao artesanato de tradições intelectuais que deram vigência às exigências de explicação da sociedade brasileira e da história de sua capacidade de analisar-se a si própria.

Nesse sentido, a tarefa de investigar o pensamento de Álvaro Maia e Leandro Tocantins contribui para a desconstrução de uma percepção histórica da Amazônia enquanto um problema nacional. Pechas tendenciosas como “inferno verde”, “paraíso perdido”, “grande vazio demográfico” que norteou o imaginário sobre a Amazônia desde o final do século XIX, chegando a nortear os debates em torno dos grandes projetos de integração nacional, desconsideravam tanto a complexidade e as particularidades da região, como a importância do elemento nativo, os povos indígenas, o seringueiro e a cultura amazônica.

Em consequência desse processo, o estudo do pensamento de dois intelectuais amazônidas, talvez injustamente considerados menores em relação a outros nomes com proeminência no cenário nacional, serve para compreensão do fluxo de ideias que retratava a região enquanto “problema” e depois vista como “solução”, especialmente diante dos desafios contemporâneos os quais a Amazônia enfrenta, tais como a crise ambiental e as mudanças climáticas que atingem todo o mundo.

Refletir sobre essas mudanças de perspectivas a respeito de uma região tal como a Amazônia é importante para se entender os fluxos de ideias e resgatar o pensamento desses dois autores. Isso se comprova, pois o pensamento deles revela uma denúncia em torno da necessidade de zelar pela cultura amazônica como uma forma de preservação do meio ambiente natural, especialmente durante a implantação dos projetos de desenvolvimento político ou econômico para a região, desenvolvidos no século XX. Para esses intelectuais, a cultura amazônica era fruto da relação simbiótica entre a natureza e o homem (na figura do índio), do seringueiro, do ribeirinho, entre outros que habitavam na região, por isso deveria ser preservada.

Logo, antes da sociedade reconhecer a importância dessas populações e da cultura amazônica nos processos de mitigação e de defesa da natureza no cenário atual, os intelectuais da Amazônia já traziam vestígios dessa perspectiva por meio de suas obras, desde a primeira metade do século XX. Esses intelectuais, ao possuírem uma vida pública ligada aos cargos políticos, seja como interventor federal, no caso de Maia, ou adido cultural do governo brasileiro, no caso de Tocantins, permitiu que se inserissem nos espaços dos debates políticos destinados ao desenvolvimento e a integração da região ao restante do país. Esse contexto pode deixar claro a representação de Amazônia para

esses intelectuais, ligada à ideia de valorização do trabalhador nativo e à ideia de preservação da cultura local.

O artigo usou como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e documental através de uma análise das revistas e livros publicados por Álvaro Maia, durante a primeira metade do século XX, e das cartas enviadas por Leandro Tocantins, durante a década de 1970, no sentido de compreender quais eram as intencionalidades das narrativas presentes nos seus discursos sobre a Amazônia, a integração e o desenvolvimento da região em relação ao resto do país e do mundo.

Com base nesse itinerário sobre a pesquisa, o artigo foi dividido em três tópicos: no primeiro, buscou-se compreender como a Amazônia estava presente na obra literária de Álvaro Maia. Em sua produção literária, esse tema é retratado a partir da valorização do elemento nativo: o caboclo seringueiro. Tal personagem é central em sua obra, demonstrando força e contribuição para o desenvolvimento da região.

No segundo tópico, buscou-se compreender a ideia de Amazônia no pensamento de Leandro Tocantins, por meio da análise de suas correspondências durante o período em que esteve em missão diplomática em Lisboa, nos anos de 1970 a 1974. Nessas cartas, a Amazônia é tratada por meio da cultura, fruto da relação íntima entre o homem e o meio ambiente natural.

No terceiro tópico, buscou-se compreender os nexos entre as ideias de Álvaro Maia e Leandro Tocantins sobre a Amazônia e sobre os problemas que a região enfrenta na contemporaneidade. Esse processo revela que os planos atuais de desenvolvimento continuam não considerando como peça fundamental o elemento nativo e a relação simbiótica com a natureza, tal como foi ressaltado pelos dois intelectuais.

A AMAZÔNIA NA LITERATURA DE ÁLVARO MAIA

Álvaro Maia foi poeta, romancista, jornalista, professor e político amazonense. Descrições sobre a realidade econômica, social e política da região estão presentes em toda sua obra literária, em discursos pronunciados por ele e, embora escritas em momentos diferentes de sua trajetória, referem-se ao auge e declínio do ciclo da borracha.

Os livros publicados por Maia estão circunscritos a um tempo entre 1943 e 1966, marcadamente ancorados em um estilo nativista e realista. Essas obras também revelam um período específico da vida política de Maia que vai do fim do Estado Novo, até

meados da Ditadura Militar. Nesse sentido, apesar da contextualização histórica da obra literária de Maia, ela não se difere muito em conteúdo. Por esse motivo, no presente estudo não se obedecerá a ordem cronológica das publicações, mas uma ordem lógica, com o objetivo de compreender melhor a abordagem dos temas e de que forma reverberaram em seu pensamento e ação política.

O livro *Beiradão*, publicado em 1958, aborda o apogeu e declínio da borracha. Trata-se de um romance que apresenta uma diversificação na abordagem do ciclo da borracha. O livro apresenta as visões de mundo do autor, nas quais se pode observar que pouco divergem de seus postulados políticos defendidos ao longo de sua trajetória política. Todavia, Álvaro Maia traz uma espécie de proposta política de alternativa econômica para o Amazonas. Nesse sentido, dava pouca ênfase ao diálogo com os outros ficcionistas da borracha.

Álvaro Maia descreve o viver e o fazer do homem amazônico. Ele fez parte dos intelectuais que pretendiam construir outra ideia de Amazônia, diferente da ideia consolidada de que a região é exótica, selvagem e inóspita. Ao abordar a temática da borracha, defendia possuir a região condições suficientes para o desenvolvimento, por meio do investimento no indivíduo que conseguiria a adaptação e, por isso, seria capaz de “domar” esse meio. Como se pode confirmar pela afirmação de Maia de serem suas obras fruto dos relatos de pessoas que viveram o ciclo, desde o apogeu até o declínio, passando pela desconfiança em relação ao segundo ciclo.

A ênfase na borracha e a riqueza de detalhes de suas descrições sobre a Amazônia são transpostas para sua missão política. Álvaro Maia não acreditava que o papel do intelectual era apenas descrever a realidade social. Era necessária uma atuação efetiva para que houvesse uma mudança na realidade social. Como testemunha ocular do apogeu e do declínio da borracha, ele compreendia que era necessário ser também um homem de ação, para, de fato, desenvolver a Amazônia. Contudo, ele era consciente do fato de ser apenas um representante do interior salientando a importância de sua origem e da potencialidade da região em suas obras.

Outro ponto importante com relação à construção da ideia de Amazônia em Maia é que, segundo as descrições feitas em sua obra literária e reforçada em seus discursos políticos, o primeiro apogeu da borracha deu-se exclusivamente a esforços individuais dos verdadeiros desbravadores, os seringueiros, não havendo, jamais, um ordenamento oficial. No livro *Defumadores e Porongas* (1966), o autor revela o processo de fixação do homem ao solo amazônico, vencendo as doenças, estabelecendo-se nos beiradões e

enfrentando as forças das águas que são as verdadeiras estradas nessa região: “O remo, a vela e o motor impulsionaram a marcha para o interior amazonense, em capítulos lentos, do oceano às fronteiras, durante os vários anos de penetração extrativista” (MAIA, 1966, p. 30).

O relatar do meio amazônico, incidindo sobre os personagens, não o faz sob uma rigidez e um fatalismo naturalista. O realismo de Maia transforma os desbravadores dessa região em saudosos de sua terra natal que, graças ao *mundo novo*, modificam suas vidas de aventuras e atropelos sem as mesmices do cotidiano no agreste nordestino. Álvaro Maia não apresenta um discurso determinista. O autor apresenta em sua obra literária e em seu pensamento político uma heroificação do caboclo seringueiro, desconstruindo a ideia de indolência e covardia. Sua obra se diferencia de outros autores do ciclo ficcional da borracha por não focar no aspecto negativo de incidência do meio amazônico na formação do povo, sendo o meio não tratado a partir da ideia do infernismo. Álvaro Maia descreve, de forma muito clara, a violência e a espoliação que seriam fruto de uma sociedade em formação.

A Amazônia era retratada nos relatos dos primeiros viajantes como “fantástica” ou como “a fonte da juventude e de riquezas”, todavia essa percepção vinha carregada das mitologias clássicas, tais como as indianas e as greco-romanas que descreviam a Amazônia como o Novo Mundo.

Assim a busca das riquezas e do *Éden* instigavam as novas expedições em busca do *El Dorado* e outro mitos. Nesse contexto, muitos relatos estavam impregnados das noções de *paraíso*, acreditando que havia um paraíso igual ao descrito na Bíblia, “o jardim do *Éden*”. O *inferno* também surge no imaginário sobre a região, devido ao processo de choque etnocêntrico entre os colonizadores europeus e as populações nativas. Essa noção de *inferno* tomaria novos contornos anos depois, ligando-se a própria floresta, tema que será retomado na produção do pensamento social séculos depois, no qual Álvaro Maia aparece como um crítico ferrenho sobre esse estigma. Como ele afirma no soneto *Paraíso Verde* encontrado no livro *Buzinas dos Paranás* (MAIA, 1997, p. 37), parte de uma coletânea de sonetos e poemas produzidos por Maia ao longo de sua vida:

Paraíso verde! Verde em várzeas e ladeiras, Possuis, como exceções
abertas ao porvir, Praias, campos gerais, queimadas e clareiras. No
entanto, quanto dói, no verde sem fronteiras, Ver a árvore tombar, ver a
floresta ruir...
[...]

Paraíso! Em teu inferno é verde a luz da aurora... Verde a esguia
palmeira, abrindo-se em troféus. Mas no verde triunfal, que exuberava
em pletora,
A água atinge o seu apogeu, no ardor de quem devora,
Destrói as plantações, ameaça os próprios céus...

Note, nos versos 01 e 06, que os termos *paraíso* e *inferno* não são para Maia a fonte de destruição e de atraso da região. Ele faz uma contraposição através da linguagem simbolista e parnasiana e, no lugar da ideia de *inferno* e *escuridão*, abre-se o espaço para a luz de um novo tempo. Assim, o autor pretende afirmar que a região é repleta de possibilidades para o desenvolvimento e para a modernização.

Na revista *Redenção* (1924, s/p), Maia, inspirado na ideia de *inferno verde*, desenvolve uma crítica elaborando a ideia de *paraíso verde/eldorado verde*, a partir da justificativa que o Amazonas não poderia ser concebido com um *inferno*, visto que não é um cárcere prendendo todo aquele que pretende adentrá-lo. Entretanto, por se tratar de um lugar onde habitava um povo simples, tornou-se suscetível à entrada daqueles “desbravadores” que, na intenção de dominar, defraudaram a moral desse povo.

Em *Beiradão*, o seringueiro é tratado como o verdadeiro desbravador, o agente responsável pelo projeto de conquista da região, adentrando os bamburrais e os beiradões, onde se estabeleciam, construindo seus barracões e fazendo plantações a fim de se estabelecerem com suas famílias. Dessa forma, dava-se um verdadeiro projeto civilizatório na região amazônica. Segundo Álvaro Maia, no livro *Na Vanguarda da Retaguarda* (1943), o seringueiro foi a vanguarda desbravadora e, apesar do início do processo de industrialização da Amazônia, não perdeu seu papel de destaque.

Ao enaltecer a força do seringueiro, ele faz uma analogia em relação ao caráter dessa resistência e a heroificação de sua condição. A força do seringueiro é comparada ao aço, um dos metais mais fortes e resistentes encontrados na natureza. Segundo o autor, esse tipo de resistência foi fundamental para a contribuição na construção da nação brasileira. Além do vigor ser igual ao aço, Maia trata o seringueiro como um herói, fazendo referências ao personagem mitológico Hércules, em que o seringueiro hércoleo foi o único capaz de se adaptar às condições inóspitas da região desbravando-as e imprimindo um projeto civilizatório. Além disso estão ligados a esse processo os elementos étnicos, entre os quais ele destaca a contribuição do índio, como afirma no trecho do livro *Na Vanguarda da Retaguarda*: “brota com a resistência do aço, e embora provindo de outros elementos étnicos de conquista, parece com o índio, que pouco fala e age sempre” (1943, p. 293).

Além do seringueiro, enaltecido por sua força e bravura, Maia critica a relação de alienação entre o seringueiro e a propriedade privada, pois o uso da terra não lhe permite um sentimento de pertença, visto que não são os detentores dos meios de produção. Esses seringueiros apenas possuem o uso da força de trabalho, comparados pelo autor com “os titãs da mitologia grega” como encontrado no poema *Jangada de Cedros*, publicado no livro *Buzinas dos Paraná* (MAIA, 1997, p. 60):

[...] onde a levais, bebendo horizontes, Na sucessão das águas,
Seringueiros-titans de brônzeas frentes? Entre ribas azues e grandes
águas
E com a saudade a uivar nos horizontes, A jangada de cedros, no
Amazonas, Vae para longe,
Muito longe.

Tal relação entre o seringueiro, os rios e as florestas, há expressa também a realidade de expropriação na qual esse trabalhador faz uso da terra, no entanto, com a delimitação da propriedade privada, o seringueiro não encontra um lugar para si. Nesse sentido, resta-lhe o lamento de ser uma parte essencial do sistema sem, porém, encontrar um espaço legitimamente seu, ou seja, Maia denuncia que a forma como ocorreu e continuava ocorrendo o desenvolvimento na região sempre excluía o caboclo seringueiro.

Portanto, diante das inúmeras temáticas encontradas na literatura alvareana, é possível perceber que, como um leitor de seu tempo, ele tentou denunciar as mazelas do homem, como no caso dos sofrimentos do seringueiro. Como um intelectual que via, na literatura, sua missão, ele pretendia construir uma sociedade verdadeiramente democrática, para isso saiu do plano das ideias e se engajou na política. Como um amazônida, buscou nos elementos nativos construir a identidade de um povo.

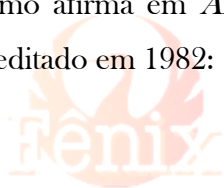
A AMAZÔNIA DE LEANDRO TOCANTINS

Sob o objetivo de reconstruir a ideia de Amazônia nos intelectuais da região, vê-se a importância de resgatar e situar, da mesma forma, o pensamento de Leandro Tocantins, escritor amazônico, nascido no estado do Pará, que viveu a infância no Acre e tinha o Amazonas no coração.

Além de outras atividades ligadas ao Estado, esse intelectual adentrou no campo diplomático brasileiro como adido cultural e propagou, nacionalmente e internacionalmente, os aspectos culturais do Brasil e da Amazônia durante o regime político militar no país.

Como um intelectual que participou ativamente dos debates políticos locais e nacionais sobre o futuro da região Leandro Tocantins testemunhou os fortes ditames da ditadura militar na idealização dos projetos de desenvolvimento da nação e na própria produção intelectual e artística brasileira. Portanto, não foi somente uma testemunha, mas um ator importante nesse cenário quando, após inserido como funcionário no gabinete do ministério da Justiça, foi escolhido pelo governo brasileiro, na figura de Gama e Silva, ex-ministro da justiça recém indicado a assumir a embaixada do Brasil em Lisboa, a prestar o serviço de divulgação cultural brasileira em Portugal nos primeiros anos da década de setenta.

Em seus ensaios, buscou interpretar os aspectos regionais com o intuito de fazer conhecido esse espaço e chamar atenção dos poderes governamentais para os desafios e para as necessidades do povo amazônico, evidenciando o quanto os valores regionais podem colaborar com o próprio processo de desenvolvimento nacional. Nesse sentido, era necessária a preservação da essência dessa sociedade, totalmente ligada à vida em associação entre o homem e a natureza, características da própria cultura regional, tal como afirma em *Amazônia, Natureza, Homem e Tempo*, escrito nos anos sessenta e reeditado em 1982:



www.revistafenix.pro.br

Plantas, animais, criaturas humanas desenvolvem-se juntas, dependem extremamente uns dos outros. A floresta, os rios, os igapós, os paranás, os igarapés, os lagos, com seus povoados vegetais seus animais, envolvendo o homem numa teia de interesses, de necessidades e de competições. O que faz vislumbrar na Amazônia aquele “organismo vivo” no qual “operam harmoniosamente vários sistemas vivos o vegetal, o animal, o humano” (TOCANTINS, 1982 p. 45).

O intelectual acreditava que o fenômeno cultural e regional deve unir-se ao conjunto de realizações e de aproveitamentos de valores, sejam eles técnicos, científicos, literários, artísticos ou folclóricos para criar melhores condições de vida espiritual e material. Sob esse aspecto, Tocantins destaca a cultura dentro de um sentido dinâmico, modernamente construtivo, que visa o futuro do homem, ou seja, ele via, na cultura amazônica, um elemento central para o desenvolvimento e levou consigo a responsabilidade de divulgá-la até mesmo entre os jovens, tal como revela em correspondência que envia à prima Rachel de Queiroz (TOCANTINS, 1977) após a missão diplomática em Lisboa.

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1977

Prezada Rachel:

Aqui estão os originais de Aventuras de Tizinho. Você me prometeu passar os olhos no texto desta novela juvenil. Será que posso chamá-la assim?

Gostaria de saber sua opinião sobre a validade do livro. Ninguém melhor que você poderá fazê-lo. Ligada ao meu pai por laços de parentesco e de nascimento em terras cearenses, você ainda alia a condição de grande romancista, que o Brasil reconhece e admira.

[...]

Aventuras de Tizinho foram escritas na adolescência, com a força primitiva dos instintos. Desejei registrar as aventuras de um menino no Amazonas, onde ganhei a graça da vida e fiz o voto de castidade ideológica: o de guardar virgem, intocável os valores que definem e caracterizam tão fortemente a grande área brasileira, a Amazônia.

Quando revi estas memórias, com o propósito de encontrar um editor com a coragem de publicá-las, tive a exata compreensão do que elas representam. São um incitamento ao regresso a valores brasileiros, numa época em que a nossa Cultura é desfigurada por elementos estranhos à formação histórico-cultural do Brasil e ao espírito de seu povo. Nas minhas atividades de jornalista, ainda aprendiz, tenho procurado sempre o caminho brasileiro. As reportagens (já somam vinte) refletem toda uma preocupação em torno do futuro do País, da sua juventude desviada da missão de valorizar os padrões brasileiros de sentir-se, comportar-se, revelar-se de acordo com o meio social plasmado pela exuberância tropical e pelo encontro do índio, do português, do negro.

Você deve ter lido algumas dessas reportagens, produzidas no tumulto das redações, sem assinatura, mas com a marca daquilo que Machado de Assis chamou de “instinto de nacionalidade”.

Com as Aventuras de Tizinho, dedicadas aos meninos e meninas de dez a quinze anos de idade, espero contribuir para a boa causa de nos conservar brasileiroamente saudáveis. Rachel de Queiroz, você nos tem estimulado tudo isto em seus livros. Portanto, agora me aconselhe, me critique, me diga se vale a pena editar o trabalho de adolescente, retirado de baú velho, rescendendo a fava de baunilha, aroma que era do gosto de José de Alencar, o seu, o meu grande romancista.

[...]

- Recebi de Belém carta do pai que está muito alegre pela sua eleição para a Academia Brasileira de Letras. Imagine que o “caseiro” da casa em que você morou na praia do Murubira comentou com o pai a sua entrada para a Academia, dizendo que “D. Rachel foi sempre uma criatura alegre e falante, que dava mesmo para ser imortal das “Letras”. O pai telegrafou para você, cumprimentando. Recebeu a mensagem?

Desse modo, na trajetória de Leandro Tocantins, por meio do serviço público e por meio das letras, acabou por se aliar aos setores políticos autoritários, mas preservando um sentimento nacionalista adequado às necessidades de preservação da cultura regional amazônica. Para ele, o modo de levar a problemática da Amazônia ao Brasil e ao mundo era apresentando os valores históricos e culturais da região, desde os círculos de debates políticos, até a disseminação do conhecimento didático e literário ao público escolar e infanto-juvenil.

Em seus estudos sobre a formação desta cultura ou por outros termos, do processo de humanização do espaço amazônico, chegou à conclusão de que a omissão ou o esquecimento das tradições culturais que revelam a constante inter-relação entre homem e natureza poderiam fazer com que os processos de desenvolvimento para a região entrassem em uma realidade predatória.

Tocantins é um intelectual que, de maneira geral, valoriza o passado. Na verdade, até o idealiza ao sugerir, por exemplo, que a colonização portuguesa foi a mais apropriada para a região amazônica devido ao espírito plástico do português o qual lhe possibilitou aprender como conquistar e dominar o espaço conhecido pelas suas condicionantes naturais. Claramente é possível ver a influência freyriana no pensamento de Leandro Tocantins quando afirma que o português colonizador foi capaz de aprender com o indígena como lidar com a terra, a flora, a fauna e as águas amazônicas, por isso o laureamento da colonização portuguesa e dos hábitos desse povo em terras amazonotropicals, que miscigenado com o indígena, formou a sociedade e a cultura dessa região.

Diante das mudanças pelas quais o Brasil atravessava durante do século XX, Leandro levou, por meio da literatura e do seu engajamento social aos círculos de discussões nacionais e internacionais, a necessidade de uma modernização da Amazônia que fosse capaz de preservar as características regionais. Porém, essa particularidade de Tocantins é o resultado de uma trajetória construída sob a influência da natividade amazônica que entusiasmou seu modo de pensar, de escrever e de representar a região aliada à missão de uma classe social, a qual pertencia e a qual, diante da crise econômica vivida após a decadência da economia da borracha, assumiu a tarefa de organizar e possibilitar os caminhos dessa modernização para a região.

O aspecto honroso da sua missão na diplomacia foi, pelas vias do *habitus* diplomático, conseguir, por meio de uma ambiguidade legítima, promover uma mudança em torno da imagem sobre a região amazônica por parte da Europa, do restante do Brasil e, principalmente, do Governo Federal brasileiro que, dentro do cenário autoritário e conservador, era claramente contrário a mudanças profundas. O adido amazônico, inserido no centro dos debates sobre o futuro da nação, ao divulgar a importância da Amazônia por muitas vezes esquecida dos programas de crescimento econômico nacional, também, contribuiu para que a região se inserisse no centro das problemáticas nacionais.

O intelectual conservador, de certo modo, colaborou para o redirecionamento dos projetos do governo federal destinados à região, trazendo mudanças relevantes. Todavia, ao analisar a trajetória de Leandro Tocantins, não se atribui, ao pensamento conservador em si, tal contribuição ao desenvolvimento regional local, mas ao *habitus* diplomático e ao *ethos* intelectual que se encontraram nesse escritor e adido cultural brasileiro, pois, ao se posicionar no debate político nacional e internacional, transformou sua obra intelectual e suas atividades diplomáticas em uma estratégia de ação e legitimação para a Amazônia. Leandro Tocantins avançou densamente em seu objetivo de propor um melhor conhecimento da região onde nasceu e cresceu e, ainda jovem, quando escreveu *O Rio Comanda a Vida*, nos anos de 1950, demonstrou interesse em criar uma consciência nacional em torno da Amazônia. Ao se inserir na carreira diplomática, pôde ampliar essa proposta colocando a cultura da região amazônica e a cultura brasileira no centro dos debates internacionais, tal como é possível ver na carta escrita a Djalma Batista (TOCANTINS, 1971) durante o exercício como adido:

Lisboa, 26 de março de 1971

Meu caro Djalma:

Estava em grande falta com você. Um tanta amenizada porque tenho enviado por intermédio do Luís algumas amostras impressas do que tem sido o meu trabalho em Lisboa. Mas devia a você uma carta para dizer-lhe o quanto apreciei o seu artigo sobre o nosso estimado Cel Cazuzinha, de quem guardo muitas lembranças de seu espírito cordial, de suas gargalhadas e das histórias que costumava contar. Parei no tempo, ou melhor, fui proustianamente em busca do tempo perdido na longínqua cidadezinha às margens do Tarauacá. O meu tempo perdido de infância. O perfil que você faz de seu avô está perfeito. Um esboço de carinho e de verdade. Nadir também apreciou muito. Quando puder, não se esqueça de nós. Mande seus escritos, suas notícias. E muito obrigado pelos recortes de artigos meus aparecidos em jornais amazonenses.

Escrevo-lhe num verdadeiro tumulto. O I Festival do Cinema Brasileiro revolucionou esta pacata Lisboa. Tive um trabalho enorme para organizá-lo. Dificuldades, problemas de todos os lados. Mas o essencial é que se realizou essa promoção cultural do Brasil, repercutindo intensamente neste país. Chovem-me pedidos para que o Festival seja feito em Coimbra, Porto, Angola e Moçambique.

Pelo que vejo a hora da Amazônia chegou. Considero o governo Arthur Reis o marco decisivo dessa arrancada. Vai marcar na História o começo de uma nova era. Vamos ver se o governo João Walter estará à altura do desafio, e o do Guilhon também.

“O Rio Comanda a Vida” vai ser publicado numa editôra de Lisboa, com prefácio do Professor Vitorino Nemésio. Dos meus livros é o mais sortudo...

Recomendo afetuosamente à família e receba um grande abraço



Como parte de um grupo de intelectuais que lutaram pela formação de uma consciência nacional em torno da sociedade e da cultura da Amazônia, Leandro Tocantins lutou, no início de sua trajetória intelectual, para revelar ao Brasil que essa região necessitava de atenção dos setores públicos federais para se inserir na série de ações voltadas para o desenvolvimento nacional e que a Amazônia, por meio da sua cultura, sua flora, sua fauna e sua gente, era capaz, igualmente, de contribuir com o processo de desenvolvimento do país.

Por ser parte desta região e, ainda, por manter vivas as memórias do menino que cresceu no seringal no Acre, tal como expõe na carta a Djalma: “Parei no tempo, ou melhor, fui prousticamente em busca do tempo perdido na longínqua cidadezinha às margens do Tarauacá. O meu tempo perdido de infância” (TOCANTINS, 1971), Leandro Tocantins mantém também um compromisso com a realidade local. Desse modo, como homem atento aos programas de desenvolvimento ocorridos no curso do regime militar, sabia que haveria a abertura ao capital externo e, diante disso, por meio da sua experiência e astúcia, cumpriu a missão de divulgar, interna e externamente, o quanto a relação homem e meio ambiente deveria, da mesma forma, ser preservada no sentido de se propor uma adaptabilidade aos projetos de desenvolvimento dos ecossistemas regionais.

CONTEMPORANEIDADE DAS INTERPRETAÇÕES DO PENSAMENTO SOCIAL SOBRE A AMAZÔNIA

A contemporaneidade dos debates sobre o desenvolvimento da Amazônia atrelados a uma preocupação sustentável é fruto de um processo de consolidação de um pensamento social do qual Álvaro Maia e Leandro Tocantins fizeram parte. Leandro Tocantins buscou colocar a região em destaque nas discussões políticas, trazendo luz em âmbito nacional e internacional às particularidades socioculturais e ambientais envolvidas na consolidação de projetos e ações do governo no sentido de diminuir as desigualdades da região em relação ao resto do Brasil.

Por muito tempo, a Amazônia foi vista como problema e citada como “inferno verde”, “paraíso perdido”, como se viu nas denúncias feitas na obra literária de Euclides da Cunha, posteriormente na obra de Álvaro Maia ou, também, durante o nacional desenvolvimentismo, como uma grande floresta com um enorme “vazio demográfico” que necessitava ser povoada, dentre outras ideias que mostravam a Amazônia como um

problema nacional. Porém, diante da atual crise ambiental mundial, essa Amazônia, antes apresentada como problema, é hoje vista como solução, quando se entende que a floresta é mais útil em pé do que desmatada, por conta da sua capacidade de realizar a reciclagem de carbono.

Mas isso não é tão simples assim, pois hoje se tem uma Amazônia Legal com mais de 500 municípios, ou seja, nas palavras de Bertha Becker, “uma Amazônia totalmente urbanizada” (1999, p. 40) e com características muito peculiares. Se, antes, o amazônida construía as cidades nas beiras dos rios, tendo em vista que “o rio comandava a vida” de acordo com Leandro Tocantins, hoje, os municípios são construídos nas beiras das estradas, no meio de clarões que são abertos na floresta, por conta do desmatamento que muitas vezes é ilegal. Dessa maneira, tem-se várias cidades surgindo desordenadamente e se sobrepondo à floresta, sem estrutura ou urbanidade alguma, demonstrando um descompasso muito grande entre homem e natureza.

Os efeitos dessa relidade predatória atinge o homem urbano, mas alcança diretamente os povos originais, a população ribeirinha, dentre outros que ainda sustentam a relação simbiótica com a natureza, pois o dematamento, além de comprometer seus meio de subsistência, compromete também aquilo que dá significado à sua cultura, ligada a uma identidade de lugar.

Então, diante de tamanha complexidade, resgatar o pensamento de intelectuais da região torna-se relevante, visto serem vozes que chamaram atenção antes da realização dos grandes projetos de desenvolvimento e integração, pois caso não houvesse um compromisso com a cultura regional, a Amazônia estaria entregue nas mãos do capital perverso e da especulação financeira predatória.

Outrossim, Álvaro Maia já denunciava como o caboclo sempre esteve aliado dos programas de desenvolvimento da região, desde o período da borracha. Por esse motivo, tornou-se um porta-voz do homem do interior denunciando sua carência em relação à assistência do Estado.

A partir do período Militar, surgiram diversos conflitos entre comunidades tradicionais e estrativistas, tais como os seringueiros, no Acre, e os castanheiros, no Pará, com grileiros e madeireiros. É nesse contexto que surgem os primeiros movimentos sociais, tomando o lugar de porta-vozes da luta pela preservação da terra e pela defesa do uso de seus recursos de uma forma sustentável. Esses grupos, apesar de grandes conquistas, ainda sofrem para terem seus direitos assistidos pelo Estado. É importante notar como a ideia de porta-voz legitimado sofre um grande contraste entre esses atuais

porta-vozes e figuras como Álvaro Maia e Leandro Tocantins, intérpretes do pensamento social amazônico, pois ambos eram representantes dos setores oligárquicos e detentores de um saber socialmente legitimado, por isso facilmente aceitos como porta-vozes. A concorrência pelo poder no campo político é gerada pelo monopólio do direito de falar pela “população”, seja por uma parte dela, seja pela sua totalidade (BOURDIEU, 2004, p.185). Assim, eles tornaram-se porta-vozes dessa população e de um determinado grupo político que via, em suas imagens, candidatos ideais para o reordenamento do poder. No caso de Álvaro Maia, além da construção de sua rede de relações, havia o envolvimento dele em uma série de atividades que o aproximava do povo, especialmente o homem interiorano. Já no caso de Leandro Tocantins, havia o trânsito em debates políticos locais, nacionais e internacionais em torno dos projetos do nacional desenvolvimentismo, defendendo a temática da cultura e da natureza amazônica.

Uma denúncia presente no conjunto de ideias que norteavam os intérpretes do pensamento social amazônico ligados às antigas oligarquias da região está relacionada à ideia de que a Amazônia necessitava ser conquistada, aprendida e integrada. Essa denúncia está presente no pensamento de Leandro Tocantins e Álvaro Maia, porém, uma particularidade em Tocantins é a preocupação em torno da preservação da cultura local, mesmo diante dos grandes projetos de integração nacional e da visibilidade internacional. Para ele, essa cultura é pautada no diálogo entre homem-natureza de forma integrada. No pensamento de Álvaro Maia, a denúncia assenta-se sobre uma crítica ao estabelecimento de projetos de desenvolvimento que desprivilegiavam o homem nativo, especialmente o seringueiro. Para ele, o homem nativo é o ator fundamental do desenvolvimento da região em virtude da adaptação ao meio amazônico e de sua contribuição no processo civilizatório.

Essa inteligência, mesmo em tempos distintos, entendia que, caso os projetos para o desenvolvimento regional não atentassem para as particularidades da região, as consequências seriam o desastre social, cultural e ambiental dos quais a região não ficou imune. Pode-se refletir que esse desastre, já anunciado por intelectuais do início e metade do século XX, deu-se em virtude da criação de políticas de desenvolvimento que pretendiam produzir um processo civilizatório marcado pelo desenvolvimento e pelo progresso, como no caso dos processos de desterritorialização de populações tradicionais e até de cidades para a construção de barragens de hidroelétricas, pois essas construções transformam a mobilidade nos rios, inviabilizando formas tradicionais de trabalho (CASTRO, 2017, p. 22).

Nos últimos anos, o mundo tem sentido os efeitos do resultado do divórcio homem-natureza, fruto do racionalismo e do consumismo. Diante disso, a Amazônia não está dissociada desse processo, mas sim, totalmente integrada, visto que tem sido alvo direto de um comportamento antropocêntrico (ideia de que a natureza serve somente para satisfazer as necessidades humanas) e, nesse contexto, as alterações em todo seu ecossistema, sociedade e cultura local são uma constante.

Os debates em torno dessa problemática torna-se mais intenso no sentido de mitigar os efeitos da ação antrópica, entretanto nossos pensadores e intelectuais amazônicos, atentos e sensíveis a essas questões, já anunciavam os riscos e impactos da ação irresponsável sobre a região. Desse modo, são vozes que não foram silenciadas em seu tempo, mas ecoam e trazem importantes contribuições para o debate atual.

CONCLUSÃO

Torna-se urgente a releitura e um maior conhecimento das reflexões dos pensadores locais tal como Álvaro Maia e Leandro Tocantins para contribuir na formação de jovens que possam desenvolver um comportamento mais ético-político na sociedade e na cultura amazônica.

A Amazônia retratada na produção literária de Álvaro Maia faz uma descrição do meio amazônico incidindo sobre os personagens sem, no entanto, um fatalismo naturalista e uma fixidez comuns nas produções desse período. Maia buscou compreender como a modernidade e suas transformações impactaram a região amazônica criando dilemas, sendo que o homem interiorano, o seringueiro, o indígena, entre outros personagens criados pelo autor, refletem o nível destes impactos.

A Amazônia de Leandro Tocantins, presente em suas missivas, reflete uma denúncia sobre a necessidade de inserção dos aspectos culturais amazônicos nos debates sobre o desenvolvimento nacional, durante a ditadura político-militar brasileira, e na consolidação de um pensamento social sobre a região.

Para os cronistas e viajantes, primeiros pensadores da região, a ideia de Amazônia era a de uma região mais imaginária do que real. Com o tempo e com a maturidade do pensamento social regional, tal percepção é desconstruída na intenção de se compreender os dilemas e a complexidade da região. Nesse aspecto, pensadores como Álvaro Maia e Leandro Tocantins contribuíram na construção e na consolidação de um conhecimento que está presente em instituições de pesquisas locais produtoras de

ciência na Amazônia, podendo-se citar INPA, Instituto Emílio Goeldi, Universidade Federal do Amazonas, Universidades Federal do Pará, entre outros. Esses novos pólos produtores de conhecimento desvelam uma Amazônia que luta para se manter em pé frente aos processos de desindustrialização e primarização da economia que estão transformando territórios e alterando o modo de vida das populações tradicionais.

Outro ponto importante no estudo sobre esses intelectuais, que não se pode deixar de mencionar, está ligado a um processo de exclusão existente na construção da História do Pensamento Social Brasileiro, pois esse omite a importância de alguns autores de determinadas regiões. Nesse sentido, a contribuição política e moral desses pensadores, por muitos considerado “menores”, pode ajudar a compreender como eles produziam ideias totalmente ligadas ao seu tempo e vinculadas à sua classe.

Este estudo torna-se, ainda, esclarecedor, para se compreender a própria posição da produção do pensamento social da Amazônia no cenário nacional. Portanto, convém evidenciar qual a intencionalidade dos grupos de maior recepção em não “articular” ou não “aceitar” a produção vinda da Amazônia. Esse posicionamento reflete um preconceito ou mesmo uma motivação em não tornar claras as ideias que muitas vezes justificam ou explicam o atraso da região diante do resto do país ou, igualmente, a pouca receptividade da produção intelectual local nos dias atuais refletindo o processo de dominação sobre a região e tentando demonstrar a incapacidade local de criar meios teóricos ou práticos para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Bertha Koiffmann. **Cenários de curto prazo para o desenvolvimento da Amazônia**. Cadernos NADIAM, Brasília: MMA, 1999.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 1, n. 3, p. 94-108, jun. 2010
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CASTRO, Edna Ramos. Amazônia na encruzilhada: saque colonial e lutas de resistência. p. 19-48. In:_____. (Org.). **Territórios em transformação na Amazônia - saberes, rupturas e resistências**. Belém: NAEA, 2017.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

- FREITAS, Marilene Correa da Silva. A Amazônia e o pensamento social brasileiro contemporâneo. p. 27-46. In: BASTOS, Élide Rugai & PINTO, Ernesto Renan (Orgs.) **Vozes da Amazônia**: investigação sobre o pensamento social brasileiro. Manaus: EDUA, 2007. MAIA, Álvaro. Paraíso Verde. **Redenção**, Manaus, v. 11, n. 1, s/p. dezembro, 1924, MAIA, Álvaro. Paraíso Verde. **Na Vanguarda da Retaguarda**. Manaus: DEIP, 1924.
- MAIA, Álvaro. Paraíso Verde. **Defumadores e Porongas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1966.
- MAIA, Álvaro. Paraíso Verde. **Buzina dos Paranás**. 2ª edição. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/Governo do estado do Amazonas, 1997.
- MAIA, Álvaro. Paraíso Verde. **Beiradão**. Manaus. 2ª edição. Manaus: Valer/UA, 1999.
- TOCANTINS, Leandro. [Correspondência] Destinatário: Djalma Batista. Lisboa, 26 de março de 1971.
- TOCANTINS, Leandro. [Correspondência] Destinatário: Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1977.
- TOCANTINS, Leandro. **Amazônia**: natureza, homem e tempo. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982

Recebido em: 29/06/2024
Parecer dado em: 30/08/2024



www.revistafenix.pro.br